

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)**

VÍTOR VIEIRA DE OLIVEIRA

**OS FATORES MILITARES EMPREGADOS NA BATALHA DO PASSO DO
ROSÁRIO E AS CONSEQUÊNCIAS DO CONFRONTO PARA O BRASIL**

**Resende
2019**



**APÊNDICE III (TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DIREITOS
AUTORAIS DE NATUREZA PROFISSIONAL) AO ANEXO B (NITCC)
ÀS DIRETRIZES PARA A GOVERNANÇA DA PESQUISA
ACADÊMICA E DA DOCTRINA NA AMAN**

**AMAN
2019**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DIREITOS AUTORAIS DE NATUREZA PROFISSIONAL

TÍTULO DO TRABALHO:

**OS FATORES MILITARES EMPREGADOS NA BATALHA DO PASSO DO ROSÁRIO E AS
CONSEQUÊNCIAS DO CONFRONTO PARA O BRASIL**

AUTOR:

VÍTOR VIEIRA DE OLIVEIRA

Este trabalho, nos termos da legislação que resguarda os direitos autorais, é considerado de minha propriedade.

Autorizo a Academia Militar das Agulhas Negras a utilizar meu trabalho para uso específico no aperfeiçoamento e evolução da Força Terrestre, bem como a divulgá-lo por publicação em revista técnica da Escola ou outro veículo de comunicação do Exército.

A Academia Militar das Agulhas Negras poderá fornecer cópia do trabalho mediante ressarcimento das despesas de postagem e reprodução. Caso seja de natureza sigilosa, a cópia somente será fornecida se o pedido for encaminhado por meio de uma organização militar, fazendo-se a necessária anotação do destino no Livro de Registro existente na Biblioteca.

É permitida a transcrição parcial de trechos do trabalho para comentários e citações desde que sejam transcritos os dados bibliográficos dos mesmos, de acordo com a legislação sobre direitos autorais.

A divulgação do trabalho, em outros meios não pertencentes ao Exército, somente pode ser feita com a autorização do autor ou da Direção de Ensino da Academia Militar das Agulhas Negras.

Resende, 12 de Outubro de 2019

Assinatura do Cadete

VÍTOR VIEIRA DE OLIVEIRA

**OS FATORES MILITARES EMPREGADOS NA BATALHA DO PASSO DO
ROSÁRIO E AS CONSEQUÊNCIAS DO CONFRONTO PARA O BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Academia Militar das Agulhas Negras, como parte dos requisitos para a Conclusão do Curso de Bacharel em Ciências Militares, sob a orientação do Cel Inf Luiz Emílio Da Cás.

Orientador: Luiz Emílio Da Cás

**Resende
2019**

VÍTOR VIEIRA DE OLIVEIRA

**OS FATORES MILITARES EMPREGADOS NA BATALHA DO PASSO DO
ROSÁRIO E AS CONSEQUÊNCIAS DO CONFRONTO PARA O BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Academia Militar das
Agulhas Negras, como parte dos
requisitos para a Conclusão do Curso
de Bacharel em Ciências Militares, sob
a orientação do Cel Inf Luíz Emílio Da
Cás.

Aprovado em _____ de _____ de 2019

Banca examinadora:

CEL R1 LUIZ EMÍLIO DA CÁ S – CAD HISTÓRIA
ORIENTADOR

CEL R1 **DURLAND** PUPPIN DE FARIA – CAD HISTÓRIA
AVALIADOR

MAJ **ALEXSANDER** SOARES ELIAS – CAD HISTÓRIA
AVALIADOR

Resende
2019

Dedico este trabalho, primeiramente à Deus, o qual sem sua força e sua benção não estaria hoje realizando o meu sonho de me tornar-me Oficial do Exército Brasileiro, aos meus pais, que me deram a criação e foram os alicerces dessa trajetória em busca de minha “estrela”, e à minha esposa, que me deste o exemplo de força e dedicação para poder chegar onde eu cheguei.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente à Deus, que me guiou até aqui, sempre me abençoando com sabedoria, decisão e força de vontade, para que eu estivesse hoje realizando meu sonho de me tornar Oficial do Exército Brasileiro.

Agradeço também a minha família, meus pais e meus irmãos, que compartilharam comigo desde o primeiro momento em que decidi buscar o meu sonho, me apoiando nos momentos mais difíceis de minha vida, e comemorando os melhores momentos, da forma como nossa família sabe muito bem comemorar.

À minha esposa, que nessa caminhada suportou todos os momentos difíceis que passamos, dando-me o apoio necessário para nunca baixar a cabeça e me guiando para o sucesso com suas palavras motivacionais. Tudo teria sido muito mais difícil se não tivesse teus ensinamentos para me guiar.

Ao meu Orientador, pelo tempo dedicado ao meu auxílio para o desenvolvimento desse trabalho, demonstrando preocupação em ajudar em minha formação.

RESUMO

Os fatores militares empregados na Batalha do Passo do Rosário e as consequências do confronto para o Brasil.

AUTOR: VÍTOR VIEIRA DE OLIVEIRA

ORIENTADOR: Luiz Emílio Da Cás

A Batalha do Passo do Rosário foi a maior batalha campal travada em solo brasileiro e ocasionou inúmeros ensinamentos para as tropas nacionais, assim como foi o confronto mais importante da Guerra da Cisplatina. Assim, a América do Sul possui informações valiosas acerca de fatos históricos do passado, que são adotados até os dias atuais para diversas formas de diplomacia e táticas da guerra convencional. Dessa forma, este trabalho objetiva realizar uma análise dos fatores militares empregados na Batalha do Passo do Rosário e as consequências do confronto para o Brasil. Inicialmente, será explorado a preparação dos dois lados das forças militares da época, na sequência será apresentado uma breve reflexão acerca das consequências que a batalha causou para o Brasil, enfatizando as delimitações fronteiriças da região sul do país. Os resultados observados são de suma importância para o Oficial Combatente do Exército Brasileiro, uma vez que a reflexão gerada no desenvolvimento dessa pesquisa contribuirá para os conhecimentos históricos assimilados sobre o país, a fim de guiar seus homens de maneira coerente no campo de batalha.

Palavras-chave: Batalha. Fatores Militares. Objetivo.

ABSTRACT

The military factors employed in Passo do Rosário battle and as consequences of the confrontation for Brazil.

AUTHOR: VÍTOR VIEIRA DE OLIVEIRA

ADVISOR: Luiz Emílio Da Cás

Passo do Rosário Battle was the greatest open-air battle waged in Brazilian ground and occasioned numerous lessons for national troop, as well as it was the most important confrontation of the Cisplatine War. For this reason, South America owns valued information about historical facts, which are adopted until nowadays for several ways of diplomacy and tactics of conventional war. In this way, this research aims to develop an analysis of military factors employed in Passo do Rosário Battle and the consequences of the confrontation for Brazil. Initially it will be explored the preparation of opposite sides of military powers: Brazilian and Uruguayan forces. In the sequence, it will be presented a brief reflection about the consequences which the battle caused for Brazil, emphasizing the border delimitation of the Southern region of country. The results observed are of the utmost importance for the combat officer of Brazilian Army, once the reflection established in this research development contribute to assimilated historical knowledge about the country, in order to guide Brazilian soldiers in a more coherent way in the battlefield.

Keywords: Passo do Rosário; Historical facts; Consequences

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
1.1 ANTECEDENTES.....	8
2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	9
2.1 REFERENCIAL METODOLÓGICO E PROCEDIMENTOS.....	10
3 RESULTADO E ANÁLISE DE DADOS.....	11
3.1 FATORES MILITARES.....	11
3.1.1 Organização.....	11
3.1.2 Equipamento.....	15
3.1.3 Instrução.....	18
3.1.4 Moral da tropa.....	18
3.1.5 Emprego.....	19
3.2 ANÁLISE DA BATALHA.....	19
4 CONSEQUÊNCIAS.....	22
5 CONCLUSÃO.....	22
REFERÊNCIAS	

1 INTRODUÇÃO

1.1 Antecedentes

Para compreender os fatos ocorridos na Batalha do Passo do Rosário é necessário estudar seus antecedentes históricos. Tal estudo inicia-se por meados de fevereiro de 1516, data que marca o reconhecimento, pelos espanhóis, da costa brasileira e a descoberta da embocadura do rio que, futuramente, iria ser batizado de Rio da Prata.

Enquanto Portugal estava preocupado em concretizar sua colonização no território brasileiro, a Espanha esforçou-se em enviar expedições para povoar as margens do Rio da Prata. O imperador Carlos V, antigo Rei da Espanha vislumbrou vantagens em explorar a região em busca de uma nova rota comercial, então enviou, em 1526, uma expedição com o objetivo de colonizar a região e buscar uma rota para seus navios. Um ano após sair da Espanha, Sebastião Gaboto, Comandante da expedição, penetra o estuário da Prata e fundeia fortificações nas margens do Rio, infiltrando rio acima até próximo da atual Assunção, capital do Paraguai. Essa foi a primeira infiltração naval na América do Sul, futura bacia comercial mais importante do continente. Novas expedições foram feitas com o objetivo de colonizar as margens do Rio Uruguai, e assim poder assentar terras espanholas no continente, porém índios nativos da região mostraram-se contra a colonização por muito tempo. Enfim, em 1608, a Espanha realiza uma conquista pacífica através do evangelho e consegue criar reduções nas margens do Rio Uruguai, onde hoje situa-se o estado do Rio Grande do Sul, e nas margens do Rio Paraná, atual estado do Paraná.

Portugal inicia seus interesses pelas terras ao sul do continente pela necessidade de mão de obra, o que ocasionou na busca por índios na região, os quais estavam sob o comando dos padres jesuítas espanhóis. Em 1638, a capitania de São Paulo enfrentou as reduções da margem direita do Rio Uruguai, expulsando os jesuítas, que foram para a outra margem e criaram novas reduções, diminuindo a influência dos espanhóis a leste do rio, o marco inicial da colonização da região por parte de Portugal, o qual pretendia deixar marcas físicas de sua posse a sul do continente. O desafio para a coroa portuguesa foi enorme, pois o inimigo já havia feito inúmeras expedições na região e inclusive já edificado uma pequena cidade. Com isso, as despesas geradas aos lusitanos com a colonização da região foram consideráveis, pois além de povoar a região, havia a necessidade de estar em condições de repudiar possíveis ataques espanhóis. Em 1º de janeiro de 1680, Dom Manuel Lobo, Governador do Rio de Janeiro, de onde saiu dois anos antes com sete embarcações compostas por tropas combatentes, funda a Colônia do Sacramento, na margem direita do Rio Uruguai, o início da luta pelo domínio da região, levando mais de um século para se definir os limites fronteiriços entre as duas potências colonizadoras da Europa.

Em meio às inúmeras hostilidades de ambos os lados, começa a ganhar forma o estado do Rio Grande do Sul, tendo em vista a necessidade da presença portuguesa na região. Essa ocupação foi iniciada pelo Brigadeiro José da Silva Pais, engenheiro e militar em Portugal, e que foi designado para o sul do continente a fim de atacar Montevidéu e Buenos Aires. Porém, ao desembarcar na região próxima ao canal de saída das águas captadas pela Lagoa dos Patos e pela Lagoa Mirim, observou que naquela região poderia ser criado um ponto intermediário de ligação com as tropas vindas das principais capitanias da Colônia, e que serviria de ponto de partida para os futuros confrontos com os espanhóis, além de ser região com enormes rebanhos de gado, propiciando subsistência às tropas e famílias que se estabelecerem ali. Vendo a possibilidade de uma próspera ocupação naquela região, o mesmo funda o primeiro povoado, a cidade de Rio Grande. Através de uma carta, do dia 21 de junho

de 1737, Brigadeiro Silva Pais relata ao Governador do Rio de Janeiro seu progresso na região:

“Ainda que eu não possa dar inteira informação porque todo me entrego a segurar este posto, e a sua guarnição, por ora sempre me parece poder dar mais que quaisquer dos outros até esse Rio, por ser capaz a terra de dar admiráveis frutos, poderem-se estabelecer cortumes de toda a casta de couro e solas, que melhor que em outras partes aqui se curtem, proverem-se de muito gado as terras do norte; de se fazer quantidade de charque, courama e peixe seco, e introduzirem-nos com muita facilidade os cavalos que quisermos. Também me seguram haver minas nas cabeceiras do Rio Grande, porém isto necessita de maior averiguação.”

Tão logo viu-se que a decisão do Brigadeiro Silva Pais foi acertada, iniciando uma colonização da região sul, por famílias portuguesas vindas das ilhas dos Açores e da Madeira, aproximadamente 4000 casais, que deram o pontapé inicial do desenvolvimento daquelas terras, fazendo com que paulistas explorassem em direção a esses povoados, os quais criaram estradas que ligavam as capitânicas mais importantes, como a de São Paulo e de Rio de Janeiro, aos pontos de colonização mais a sul do continente. Inúmeros tratados foram acertados pelas duas potências européias, mas nenhum de fato conseguiu estabelecer a demarcação fronteiriça de cada colônia.

No início do século XIX, o exército de Napoleão Bonaparte assola os países da Península Ibérica, obrigando a coroa portuguesa a fugir para o Brasil, também fazendo a Espanha tomar providências contra a invasão estrangeira. Esse fato histórico é de suma importância para se compreender os fatos acerca dos conflitos na Bacia do Prata, tendo em vista que esses acontecimentos criaram nas colônias espanholas um sentimento de desamparo, dando abertura para uma oportunidade de rompimento de relações com sua metrópole e tornarem-se independentes. O anseio de independência dos uruguaios tornou-se mais forte após essa fuga, principalmente por serem subordinados por uma coroa que não era compatível com suas vontades, além de possuírem costumes, língua e necessidades diferentes. Com o início de uma corrente revolucionária, inicia-se um conflito entre Crioulos e autoridades espanholas, o que obrigou Portugal a agir a favor da coroa espanhola, atendendo a solicitação de Dona Carlota Joaquina, irmã do Rei da Espanha. Nesse contexto surge José Gervásio Artigas, considerado a mais importante figura libertadora do Uruguai, responsável por acender a chama revolucionária no país e liderança em campo de batalha. No ano de 1816 inicia-se uma série de conflitos entre a coroa espanhola, com o apoio da coroa portuguesa, e os rebeldes, visando repelir uma revolução no Prata, o que já se mostrava inevitável. O conflito foi ganhando proporções que acabaram por iniciar a Guerra da Cisplatina em 1825, com o objetivo de concretizar o sonho de Artigas: tornar seu país independente e forte no sul da América.

2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

A proposta do trabalho consiste em uma análise acerca dos seguintes fatores: organização, equipamento, instrução, moral da tropa e o seu emprego durante a Batalha do Passo do Rosário. Com base nesta análise, será levantado as consequências para ambos os lados do confronto, levantando informações concretas sobre tudo que se passou após a batalha e que tenha sido direta ou indiretamente por conta da mesma.

Por se tratar de uma coleta de informações a partir de livros, artigos e demais materiais de caráter científico, pretende-se realizar uma pesquisa do tipo bibliográfica.

Nosso tema de pesquisa insere-se na área de História Militar, conforme definido na Portaria nº 734, de 19 de Ago 10, do Comandante do Exército Brasileiro (Brasil, 2010).

2.1 Referencial Metodológico e Procedimentos

Nesta seção do texto, será feita a definição dos parâmetros e dos passos dessa pesquisa bibliográfica e documental acerca do tema, levantando ainda, o problema para a nossa pesquisa, os objetivos da pesquisa e as hipóteses levantadas. Os objetivos metodológicos serão os seguintes: leitura de livros de história geral, manuais de campanha acerca do emprego das diversas tropas envolvidas na batalha, livros que tragam a história dos países envolvidos, manuais referentes aos equipamentos e uniformes utilizados no século 19, e também bibliografias dos principais estudiosos da batalha. Ao estabelecer as bases práticas para a pesquisa, pretende-se assegurar a sua execução respeitando o cronograma proposto, além de permitir a verificação das etapas do estudo.

A Guerra da Cisplatina foi um marco histórico que desencadeou várias mudanças na América do Sul. Um dos últimos capítulos desse conflito, a Batalha do Passo do Rosário, trouxe consigo inúmeros erros e oportunidades de melhoria, assim como problemas políticos para o então Brasil Império. Então cabe realizar as seguintes problematizações:

- Como trazer ensinamentos através das manobras e táticas utilizadas pelos comandantes na linha de frente da batalha? O que podia ser melhor empregado? Qual armamento era mais adequado para tal conflito? As tropas estavam em condições de participar do conflito?

A forma de combate, no decorrer dos séculos, foi modificada diversas vezes, sendo primordial para qualquer exército se atualizar para sempre estar preparado para colocar suas tropas no campo de batalha. Essas modificações acontecem, geralmente, após uma grande batalha ou guerra, pois é onde a tática é colocada em prática de maneira efetiva, e onde pode se observar o que está correto e o que deve ser alterado. Aprofundando para o tema desse trabalho, a Batalha do Passo do Rosário, é possível observar que lições foram aprendidas nesse conflito, no que diz respeito aos fatores militares que são encontrados ao estudar tal fato histórico.

Seguindo essa lógica, as hipóteses do trabalho são as seguintes:

- a) a falta de meios de emprego proporcionou uma inferioridade no campo de batalha pelo lado brasileiro
- b) o insucesso brasileiro permitiu que pensamentos fossem evoluídos, e que as autoridades passassem a dar mais importância para a segurança das fronteiras no sul do País.

O objetivo geral deste TCC foi o de realizar uma análise histórica dos conflitos externos do Prata, buscando destacar os fatores militares, com enfoque na Batalha do Passo do Rosário. Além disso, será apresentada as consequências que se acarretaram após findado o conflito.

Serão observados os seguintes objetivos específicos:

- Pesquisa histórica sobre a organização, o equipamento, a instrução, moral da tropa e o seu emprego durante a Batalha do Passo do Rosário, no Contexto da guerra da Cisplatina; e
- Serão apresentadas as consequências para ambos os lados do confronto, levantando informações concretas sobre tudo que se passou após a batalha e que tenha sido direta ou indiretamente por conta da mesma.

3 RESULTADOS E ANÁLISE DE DADOS

Procurando por uma resolução ao problema que inspirou a pesquisa, chegou-se aos seguintes resultados.

3.1 Fatores Militares

3.1.1 Organização

Segundo o Coronel Cláudio Moreira Bento, o Exército do Sul de Barbacena, assim chamada as tropas brasileiras envolvidas na batalha do Passo do Rosário, eram compostas por:

- 2 divisões de Infantaria, cada uma com 1 Brigada de Infantaria e 2 Brigadas de Cavalaria;
- 2 Brigadas de Cavalaria Ligeira, cada uma com dois Regimentos de Cavalaria;
- 1 Corpo de Voluntários, com 560 homens recrutados na região litorânea do atual Rio Grande do Sul;
- 1 Corpo de Artilharia Montada, com 4 peças de Artilharia;
- 1 Grupamento Logístico, com cerca de 550 homens.

Somadas as divisões citadas acima, chega-se ao total de 7830 homens em condições de participar da batalha de 20 de fevereiro.

Tabela 1 - Efetivo da tropa do Exército do Sul, a comando de Marquês de Barbacena

1ª Divisão de Infantaria (Divisão Callado)
2.ª Bda Infantaria (Bda Leite Pacheco) 13.º BI (Ten Cel Moraes Cid) (Bahia) 18.º BI (Ten Cel Lamenha Lins) (Pernambuco)
3.ª Bda Cavalaria (Brigada Barbosa Pita) 6.º RC (1.ª Linha) (Maj Barbosa Pita) (Montevidéu) 20.º RC (2.ª Linha) (Cel J. da Silva) (Porto Alegre) Esqd. Cav. (Ten Cel Felipe Neri) (Bahia)
4.ª Bda Cavalaria (Cel Tomas da Silva) 3.º RC (1.ª linha) (Ten Cel Xavier de Souza) (São Paulo) 5.º RC (1.ª linha) (Ten Cel Felipe Neri) (Rio Pardo)
2ª Divisão de Infantaria (Divisão Sebastião Barreto)
1.ª Bda Infantaria (Bda Leitão Bandeira) 3.º BI (Maj. Crisóstomo da Silva) (Rio de Janeiro) 4.º BI (Ten. Cel. Freire de Andrade) (Rio de Janeiro) 27.º BI (alemães) (Ten. Cel. Wood Yeasts) (Rio de Janeiro)

1. ^a Bda Cavalaria (Bda Egidio Calmón) 1.º RC (1. ^a linha) (Maj Silva Cabral) (Rio de Janeiro) 24.º RC (2.º linha) (Maj Severiano Abreu) (Missões)
2. ^a Bda. Cavalaria (Bda Araújo Barreto) 4.º RC (1. ^a linha) (Ten Cel Pereira Pinto) (Rio Grande) 40.º RC (2. ^a linha) (Ten Cel Barbosa – Lunarejos) (Santana) Esqd. Lanceiros (alemães) (Cap Von Quast) (Rio de Janeiro)
1 ^a Bda. de Cav. Ligeira (Cel Bento Manuel)
22.º RC (2. ^a linha) (Cel Medeiros Costa) (Rio Pardo) 23.º RC (2. ^a linha) (Maj Dutra) (Alegrete) Companhia de Guerrilhas (irregulares) (Rio Grande do Sul) Companhia de Lanceiros (irregulares) (Rio Grande do Sul)
2 ^a Bda. de Cav. Ligeira (Cel Bento Gonçalves)
21.º RC (2. ^a linha) (Maj Soares da Silva) (Rio Grande) 39.º RC (2. ^a linha) (Ten Cel Calderón) (Cerro Largo ou Mello)
Corpo de voluntários (Marechal Abreu)
Eram 560 civis mal armados, agrupados em 11 companhias de guerrilhas e recrutados nas regiões atuais de Torres, Osório, Santo Antônio da Patrulha e Gravataí pelo Marechal Abreu (muitos desertores de outras campanhas).
Artilharia
1.º Corpo de Art. Montada (Cap Botelho e Melo) (Rio de Janeiro) (17 canhões e 2 obuses) 1. ^a Bateria 1. ^a peça (Cap Botelho e Melo) 2. ^a peça (Ten Correia Caldas) 3. ^a peça (Ten Delgado) 4. ^a peça (Ten. Luiz Emílio Mallet) Corpo de Artilharia de Posição (Maj Mendonça) canhões (Santa Catarina)
Grupamento Logístico (Cel. Gomes Jardim)
Cerca de 550 homens (transporte, escolta, imprensa, comerciantes e particulares).

Fonte: BENTO, Cláudio Moreira (2002)

Tabela 2 - Efetivo estimado de combatentes em condições de participar de batalha de 20 Fev;

COMBATENTES	NÚMERO	%
Comando do Exército	70	
Infantaria (1 ^a Linha)	2400	
Cavalaria (1 ^a Linha) (50%)	2.265	

Cavalaria (2ª Linha) (50%)	2.245	
Civis do Marechal Abreu	560	
Artilharia 12 peças	300	
TOTAL	7830	100

Fonte: BENTO, Claudio Moreira (2002)

As Províncias Unidas do Prata, eram compostas por:

- 2 Corpos de Cavalaria, compostas por divisões de Cavalaria
- 1 Corpo de Infantaria, composta por 1 Divisão de Cavalaria e 1 Divisão de Infantaria
- 1 Corpo de Artilharia, composta por 2 grupos de Artilharia
- 1 Grupamento Logístico, composto por cerca de 200 civis

Somadas, o Exército Republicano de Alvear possuía cerca de 8130 combatentes para combater dia 20 de fevereiro.

Tabela 3 - Composição e valor das tropas do Exército Imperial

1º Corpo (Gen. Lavalleja) (Uruguai)
Divisão de Cavalaria – Cel Mayor Laguna RC (2ª linha) (Cel Oliveira – Maldonado) RC (2ª linha) (Ten Cel Reña – Paysandú)
Divisão de Cavalaria (Cel. Manuel Oribe) 9º RC (1ª linha) – (Cel Manuel Oribe)
Divisão de Cavalaria (Cel Servando Gomez) RC de Dragões Orientais Unidades de Guerrilhas avulsas
2º Corpo (Gen. Alvear) (Argentina)
Divisão da Cavalaria (Brandsen) 1º RC (1ª linha) – (Cel Brandsen) 3º RC (1ª linha) – (Cel Ângelo Pacheco) Esqd. Cav. (alemães) – (Cel Von Heine)
Divisão de Cavalaria (Zufriátegui) 8º RC (1ª linha) – (Cel Zufriátegui) 16º RC (1ª linha) – (Cel Olavarría)
3º Corpo (Gen Soler) (Argentina)
Divisão de Infantaria – (Olazabel) 1º BI (Ten Cel Manoel Correia) 2º BI (Cel Ventura Alegre) 3º BI (Cel Eugênio Garzón) 5º BI (Ten Cel Antonio)
Divisão de Cavalaria (Cel Paz) 2º RC (1ª linha) (Cel José Maria Paz) Esquadrão de Atiradores (2ª linha) (Ten Cel Medina)

Artilharia (Cel Thomaz Iriante) (16 peças)
Regimento de Artilharia Ligeira – Cel. Iriante
1º Grupo – (Maj Argerich)
1ª Bateria (Cap Chilavert)
2ª Bateria (Cap Nazar)
2º Grupo – (Maj Vasques)
1ª Bateria (Cap Munõz)
2ª Bateria (Cap Pirãñ)

Fonte: BENTO, Claudio Moreira (2002)

Tabela 4 - Efetivo estimado de combatentes em condições de participar da Batalha em 20 Fev;

COMBATENTES	NÚMERO	%
Comando do Exército	130	
Infantaria	1900	23
Cavalaria (1ª Linha) 3.600		
Cavalaria (2ª Linha) 1.800	5400	67
Civis guerrilheiros	200	
Artilharia	500	
TOTAL	8130	100

Fonte: BENTO, Claudio Moreira (2002)

Analisando os números de cada lado, é possível afirmar que ambos os lados tinham vantagens em suas fileiras. Marquês de Barbacena contava com uma superioridade de cerca de 500 homens em sua Infantaria, assim como o General Alvear contava com 900 homens a mais que as tropas imperiais.

Exército de Barbacena possuía uma superioridade em Infantaria de cerca de 2.400-1.900=500h sobre o Exército de ALVEAR, ou cerca de 26%. Alvear possuía uma superioridade quantitativa em Cavalaria 5.400-4500=900h sobre Barbacena, ou cerca de 20 %, além de qualitativa, no sentido da predominância de tropas de 1ª linha, 9 RC x 5 RC.(Moreira Bento, 2002, p. 74)

Importante ressaltar a participação militares da história do Exército Brasileiro, como a presença de Marechal Luiz Emílio Mallet e o Marechal Manuel Luís Osório, patronos da arma de Artilharia e Cavalaria, respectivamente. O então Tenente Mallet recebeu seu batismo de fogo naquele 20 de fevereiro, sendo sua participação decisiva na batalha, como afirma o Coronel Moreira Bento em seu livro: “Distinguiu-se sobremaneira na batalha, no comando de duas peças, o então Tenente Emílio Luiz Mallet, grande herói de nossas lutas no Sul”. Osório, o legendário, ainda Alferes naquela época, destacou-se a frente de seus lanceiros, “sendo o único corpo de tropa brasileiro que não foi desbaratado durante a disputa”, segundo relatos de Marquês de Barbacena em seus relatórios sobre a batalha.

3.1.2 Equipamento

Neste quesito, os dois Exércitos estavam no mesmo parâmetro, qualitativamente e quantitativamente. As tropas de infantaria de Barbacena estavam armadas com espingardas chamadas de pederneira, modelo 1822 para a infantaria e clavinas modelo 1822 para a cavalaria. Seu maior problema era a lentidão para carregamento desses armamentos além de não possuir uma forma efetiva para armazenar sua munição, o que fazia com que a pólvora ficassem mal conservadas. Conforme relata em seu livro, General Tasso Fragoso diz que o sistema de carregamento dos armamentos era “uma operação demorada e suscetível de mau êxito com tempo chuvoso”. A cavalaria utilizava três tipos de armamentos, no entanto, durante a batalha, o comandante Brown sugeriu a utilização apenas da arma branca, o que foi executado pela 2ª Brigada da 1ª Divisão.

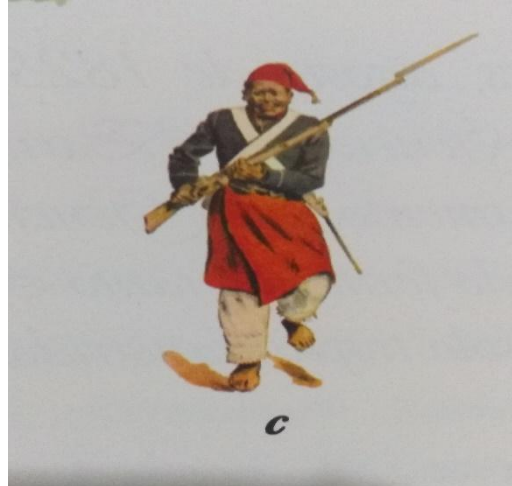
Figura 1 – Equipamento do Exército Imperial



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ex%C3%A9rcito_Imperial_Brasileiro (Acesso em 07/06/2019)

O Exército de Alvear contava com bons fuzis, mas também carecia de armazenagem segura e eficiente. A cavalaria dos orientais dispunham de uma vantagem no campo de batalha, com a utilização de couraças, as quais - segundo o que Cláudio Moreira Bento cita em seu livro 175 anos da Batalha do Passo do Rosário - “muito bem empregadas na batalha do dia 20 de fevereiro”.

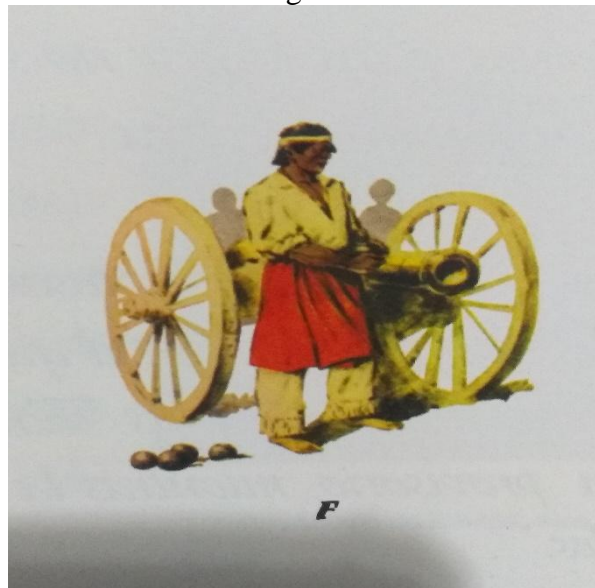
Figura 2 – Equipamento do Exército Uruguaio



Fonte: Historia del ejercito uruguayo (1999)

Os equipamentos de Artilharia foram os que mais demonstraram diferenças no tocante ao equipamento. Foi evidente a superioridade no dia da batalha do Exército das Províncias Unidas do Prata, que contavam com 16 peças de Artilharia, melhores em alcance e condições balísticas das peças de Artilharia de Barbacena, que contava com 12 peças. Segundo relatos feitos por Seweloh, militar participante da batalha ao lado de Barbacena, eram 10 peças de 9 libras, o que corresponde a uma munição 114mm, e duas de 5 libras e meia, ou seja, uma munição de 89mm. Além disso, o poder de fogo da Artilharia foi utilizado de maneira eficiente somente pelo Exército de Alvear, o que ampliou ainda mais a superioridade da mesma em campo de batalha.

Figura 3 – Equipamento da Artilharia Uruguaia



Fonte: Historia del Ejercito del Uruguay (1999)

Um fator de grande deficiência das tropas imperiais foi o cavalo. O animal naquela época era equipamento de grande vantagem no campo de batalha, sendo dispensado grande importância para seus cuidados e alimentação. O Exército Oriental, nos primeiros momentos da guerra, atacou diversos moradores locais, donos de grandes estâncias que criavam equinos, animais que futuramente poderiam ser fornecidos às tropas de cavalaria de Marquês de Barbacena. Não foi somente estancieiros da região que sofreram ataques, mas também houveram ataques a rincões que eram guarnecidos por tropas imperiais. O Rincão das Galinhas é um exemplo de grande prejuízo brasileiro, o qual foi atacado em 1825 por Rivera. Conforme relata em seu livro General Tasso Fragoso, “Rivera transpôs o Rio Negro e, depois de bater um destacamento de 50 homens que guarda o dito Rincão, apossou-se de 6000 mil cavalos de Abreu, que se encontrava acampado”. Esse tipo de acontecimento foram frequentes desde o início da guerra, o que prejudicou e muito o Comandante de Marquês de Barbacena, que recebeu o comando com cavalos em mal estado para sua cavalaria, conforme é relatado em uma das notas do livro do General Tasso Fragoso:

Os cavalos são conduzidos em pequenos bandos na frente a ao lado do exército; na retaguarda em maior quantidade. Os infelizes animais, impelidos pelo medo constante do azorrague dos condutores, não tem descanso, nem espaço onde encontrem alimentação suficiente, porque a grama por si só não ministra forças , e somente em grande porção enche o estômago; nem um cavalo é regularmente tratado, nem é isso possível por causa do número. (Fragoso, 1951, pg. 385)

Figura 4 – Cavalaria Uruguaia



Fonte: Historia el Ejercito del Uruguay (1999)

Uma carência de ambos os Exércitos foi meios de Engenharia, o que limitou o emprego da tropa durante a Batalha, pois se houvesse meios de transposição de cursos d’água, teria sido possível utilizar outras manobras e táticas de guerra, conforme Cláudio Moreira Bento em seu livro “175 anos da Batalha do Passo do Rosário”.

Nenhum dos exércitos possuía meios de Engenharia. O Exército do Sul soube vencer melhor o obstáculo que encontrou pela frente, em momentos críticos - o Camaquã-Chico. Usou inclusive laços como cabos guias para os soldados não serem levados pela correnteza, como o caso de um soldado que o Ten Osório (hoje patrono

da Cavalaria) conseguiu salvar agarrando-o pelos cabelos. O Exército Republicano, ao contrário, teve que contramarchar do Passo do Rosário para o local onde se travaria a batalha de mesmo nome, por não conseguir transferir todo o Exército para o outro lado sob penas de ficar, de um lado, com a Cavalaria e Artilharia e, de outro, com a Infantaria e Serviços.
(Moreira Bento, 2002, p. 97)

3.1.3 Instrução

Dos fatores militares, este, sem dúvida, foi o mais importante durante a Batalha do dia 20 de Fevereiro. Eram nítidas as diferenças de preparo e instrução de ambos os lados, colocando-se em grande vantagem o Exército de Alvear. Marquês de Barbacena assumiu as Forças do Exército do Sul 50 dias antes da batalha do Passo do Rosário, recebendo um contingente que possuía mais de 1000 homens sem nenhum tipo de instrução voltada para táticas e emprego da tropa.

Somente pôde reunir todo o Exército do Sul após 5 de fevereiro, faltando 15 dias para a Batalha do Passo do Rosário. Portanto, o Exército Republicano teve 4 meses de vantagem de instrução, pelo respectivo comandante, sobre o do Sul. Possivelmente aqui residiu o ponto mais forte do Exército Republicano e o mais fraco do Exército do Sul.
(Moreira Bento, 2002, p.81)

3.1.4 Moral da tropa

Para tratar desse fator militar, é preciso tratar de alguns assuntos, que são as causas do baixo moral da tropa do Exército de Barbacena. Primeiramente, a população que vivia no sul do País era contrária aos confrontos contra os povos orientais, tendo em vista que não visualizavam como objetivo de entrar em conflito, nem sequer sair de suas casas e do lado de suas famílias a fim de combater contra um país que desejava apenas sua independência. Marechal Andréa, participante da Batalha do Passo do Rosário, citou que “A opinião pública do Brasil seguia com reservas e até com protestos a marcha dos acontecimentos militares, (...) tornava-se geral a impressão de que a Coroa insistia em lançar-nos em uma aventura contrária aos sentimentos de justiça e aos interesses reais do país”.

Outro fator foi as atitudes de Marquês de Barbacena logo que chegou à região sul, o qual, conforme cita Cláudio Moreira Bento em seu livro, “Faz pouco, além disso, das pequenas dádivas da nossa amabilidade hospitaleira. É mais orgulhoso do que o Imperador que não fazia isto.” O Comandante das Tropas Imperiais, logo que chegou no Rio Grande do Sul, resolveu agir de forma que nada que lhe oferecessem fosse de maneira gratuita, então pagava por cada centavo consumido nos povoados por onde passou. Porém, os rio-grandenses, povo de cultura muito forte e que prezava por uma boa hospitalidade aos “estrangeiros”, não interpretaram de maneira amistosa tal atitude de Barbacena, causando-o uma grande impopularidade da população local.

Esses fatores em conjunto resumem o nível do moral das Tropas Imperiais próximo a Batalha do dia 20, as quais não concordavam em entrar em confronto com os uruguaios e argentinos, bem como não simpatizavam com seu Comandante, o qual não aceitou a hospitalidade de um povo que levava esse ato muito a sério, sendo um ato desrespeitoso.

No outro lado da moeda, as Tropas Republicanas de Alvear tinham muitas razões para o moral estar elevado. A ideia de independência uruguaia alimentava a chama guerreira dos povos orientais, a qual sustentou as adversidades do campo de batalha de maneira eficiente. Outro aspecto que os favoreceu foram as batalhas que antecederam a do dia 20 de fevereiro, sendo vencidas pelos mesmos, conquistando território no extremo sul do continente.

3.1.5 Emprego

Para compreender esse fator militar, é necessário realizar um estudo prévio em outros aspectos envolvidos a batalha, como, por exemplo, as vias e acesso possíveis na região da batalha, tipos de tropas predominantes de cada Exército e também os obstáculos do local de combate. Marechal Duque de Caxias, em depoimento ao IHGB após ter estudado detalhadamente a Batalha, relatou que o Exército do Sul, “surpreendidos, tiveram de aceitar a batalha no terreno para onde foram atraídos”, o que fez com que Barbacena ficasse sem opções, utilizando como tropa principal a Cavalaria.

Erroneamente, o estudo de situação não foi realizado, reflexão de suma importância para evitar o que ocorreu no dia 20 de fevereiro, pois, conforme relatou Duque de Caxias, “Se os brasileiros logo que tiveram conhecimento do inimigo tivessem mudado a frente à direita, mas para cima, teriam anulando esta vantagem de posição, obrigando o inimigo a manobrar para combatê-lo e logo a seguir o impedir de adotar nova linha de batalha.” Em relação aos obstáculos entre os dois efetivos, havia uma sanga que dificultava a passagem das tropas, proporcionando passagem apenas para a cavalaria, sendo o emprego da infantaria imprudente.

Do lado oriental, Alvear teve dois a três dias para realizar o estudo do local da batalha, possuindo grande vantagem ao seu lado, o que somou-se a formação escolhida e a linha de ação selecionada por Barbacena, que propiciou ao inimigo posição favorável no campo de batalha, além de possuir quantidade maior de tropas e qualidade superior aos combatentes brasileiros.

3.2 Análise da Batalha

Os fatos que antecederam o combate do dia 20 foram determinantes no campo de batalha. Barbacena, como já foi citado anteriormente, recebia uma tropa, conforme o mesmo escreveu ao então Imperador D. Pedro, “um exército nú, descalço, e reduzido depois de um ano à mais humilhante defensiva”, fato esse que o deixou em tamanha desvantagem frente ao inimigo. Além disso, o comandante das tropas do Exército do Sul contou com a antipatia da população pela causa em prol do Imperador, pois não viam nela um propósito de grande valia, somente sofrimento e prejuízo, conforme cita o General Tasso Fragoso em seu livro:

Todo o país clamava contra os sentimentos imperialistas de D. Pedro; havia por toda a parte a mágoa do conflito e o desejo de lhe pôr termo. O povo desinteressava-se da guerra nos páramos do sul, onde ninguém desejava prestar o concurso do seu esforço, para onde muitos se encaminhavam recrutados pela violência. (Fragoso, 1951, Pg. 323)

Além disso, o pouco tempo que Barbacena teve para organizar seu Exército foi insuficiente. Teve a sua disposição apenas 50 dias antes da Batalha para recrutar novos homens, remanejar tropas em suas frentes de combate e ainda instruir sua tropa para ir ao encontro do inimigo. Ao realizar o estudo da situação, o mesmo optou por concentrar suas tropas, o que é analisado como fator positivo por aqueles que estudaram o teatro de operações. Em sua parte sobre a Batalha ao Ministro da Guerra Conde de Lages, Marquês de Barbacena cita a série de deserções que ocorreram nos dias que comandou o Exército do Sul, “a medida de desertarem aos 20 por dia, dizendo que, como o Coronel não queria atacar o inimigo, que eles iriam defender suas casas e famílias.”

Esses fatos citados foram determinantes na forma com que ocorreu a batalha, o que tornou o comando daquele militar muito mais difícil, além de chegar no Rio Grande do Sul

com uma guerra que já trazia problemas sérios para a população local. As tropas orientais foram impiedosas nos povoados que se localizavam no extremo sul do Brasil, devastando fazendas, estuprando mulheres e deixando rastros de violência desmedida. Quando Marquês de Barbacena foi convocado para comandar as tropas do sul já chegara com graves acontecimentos e o desgaste de suas tropas sinalizava que medidas deveriam ser tomadas para conter o inimigo.

No lado das tropas orientais, havia cerca de 8100 homens movidos pela revolução libertadora da colonização europeia, motivo pelo qual a guerra estendeu-se por anos. As tropas de Alvear contaram com pelo menos um ano de instrução preparatória antes da guerra, padronizando táticas e formas de combater o inimigo, fato este que deu aos castelhanos uma grande vantagem, pois uma tropa adestrada sabe o que fazer no campo de batalha e o que fazer caso um plano secundário seja acionado, diferentemente das tropas brasileiras, que grande maioria sequer sabiam entrar em uma formação de combate no dia 20 de fevereiro de 1827.

Sendo feita essas considerações, é possível analisar a batalha melhor situado das circunstâncias que a cercavam, de forma a obter uma melhor compreensão do combate. O Exército do Sul partiu em direção ao inimigo às 6 horas da manhã do dia 20 de fevereiro de 1827, deparando-se com duas linhas do exército oriental no alto de um grupo de coxilhas, próximo a cursos d'água que canalizavam as principais fontes hídricas na região, tática bem utilizada por Alvear, pois utilizava os acidentes capitais em seu favor, dificultando o avanço do inimigo. Os brasileiros marcharam em uma formação de duas linhas de batalha, com uma Divisão de infantaria em cada uma, vindo as peças de artilharia no centro das divisões, e nos flancos colocou as tropas de cavalaria, comandadas por Marechal José de Abreu e o Marechal Bento Gonçalves. Essa estratégia foi tomada após uma impressão errada, relatada pelo General Tasso Fragoso em seu livro:

Da leitura de alguns documentos brasileiros, ressalta a impressão de que os nossos estavam convencidos, no primeiro momento, de enfrentarem apenas parte do Exército de Alvear, ou de que os inimigos se apresentavam numa frente muito mais estreita do que aquela que de fato ocuparam mais tarde.

(Fragoso, 1951, pg. 274)

Uma das primeiras investidas do inimigo contra as tropas imperiais sucedeu-se através do Corpo de cavalaria de Laguna, que, como descreve o Comandante Brown, “tendo forças muito inferiores àquelas, foram rechaçadas com perdas de alguns mortos e feridos”. Ainda sobre esse primeiro confronto, o Comandante do 3º Regimento de Cavalaria Argentina, Tenente-Coronel Ângelo Pacheco, relatou em seu diário de campanha que a Divisão de Laguna “carrega contra o inimigo e é rechaçada três vezes, com bastante perdas.” Esse trecho inicial de ambas as cavalarias foi determinante principalmente a tropa brasileira, tendo em vista estar em um menor efetivo e também pela posição desfavorável que se encontrava progredindo. Por conta disso, as peças de artilharia dos orientais demoraram para posicionar de forma a abater o avanço do inimigo, o que deu uma sobrevida aos brasileiros, utilizando manobras de ofensiva por um longo tempo, e obrigando o inimigo a contentar-se com contra-ataques, mesmo com algumas vantagens ao seu lado.

Porém, quando as peças de artilharia orientais conseguiram utilizar de seu poder de fogo, acabaram por gerar profundos danos nas tropas imperiais, principalmente nas peças de artilharia, que se viram humilhadas em campo de batalha. Coronel Madeira, Comandante das tropas de artilharia do Exército do Sul foi encontrado por Marquês de Barbacena, como relata Coronel Cláudio Moreira Bento em seu livro, “em posição fetal debaixo de um carro de munição, onde fora buscar proteção contra a Artilharia adversária”.

Enquanto a Divisão de Laguna estava sendo rechaçada pelas tropas brasileiras, General Lavalleja procurou golpear o flanco direito e a retaguarda imperial, de forma a repartir as forças de Barbacena no campo de batalha, o que fez surgir o pânico nas tropas do Exército do Sul, e iniciar as deserções do confronto. É nesse momento que Marechal José de Abreu tomba em combate, rechaçado por fogo amigo, ao meio do caos que se transformou o campo de batalha, pois, vendo a superioridade inimiga, seus soldados começam a dar meia volta e debandar, o que obriga outras divisões, como a de Calado, a apoiá-lo. Em uma investida, ocorre um grande fratricídio, acabando por fuzilar amigos e adversários, inclusive Abreu. Essa fase da batalha evidencia a carência de instrução e preparo da tropa que estava sendo empregada no campo de batalha, e deixa marcada a figura de um grande líder militar, enobrecido pelos seus feitos em campanha.

Apesar de ter ocorrido um grande aniquilamento da vanguarda brasileira pelas próprias tropas imperiais, e o abalo psicológico já ser generalizado, a primeira investida oriental foi rechaçada com sucesso pelas tropas de Calado, que logo se pôs a organizar suas tropas e resgatar o que havia sido deixado para trás pelas tropas de Abreu. O General Calado acabou por sustentar diversas cargas das tropas imperiais, mas, por mais que estivesse obtendo sucesso, as más escolhas de formação do comandante do Exército do sul acabaram por custar caro a seus homens, que estavam envolvidos em duas frentes e defendendo-se de um inimigo superior em qualidade e quantidade. Marquês de Barbacena, após mais de seis horas de intenso confronto, não vê outra alternativa e ordena a retirada, tendo em vista que já carecia em munição e água. General Calado, em seu diário de campanha, relatou da seguinte forma sua retirada:

Principio minha retirada levando a minha Infantaria em quadrado, com os feridos no centro, parte da 4ª Brigada de Cavalaria em atiradores na retaguarda do quadrado e o resto em coluna na frente, sendo eu perseguido constantemente pelo inimigo; encontro no caminho a maior parte de nossa artilharia, a cavahada, a boiada, que tudo levo na minha frente e guarda. (Fragoso, 1951, pg. 292)

Pelo lado oriental, é notória as controvérsias de suas narrativas, porém o que se concluiu é que as tropas castelhanas perseguiram, de modo a assegurar a retirada concluída das tropas, mas não com o intuito de aniquilar e destruir. Em seus relatos, Antônio Díaz diz que as tropas imperiais foram perseguidas por seus comandados até cerca das 17 horas, sob ordem de Soler. Ainda informa que Lavalleja informou a Soler uma provável coluna inimiga estava vindo em direção ao Passo do Rosário, fato esse que deve relacionar-se às tropas de Bento Manuel, o qual não se apresentou no campo de batalha, como ordenado pelo seu comandante, pois o mesmo presumiu, ao ouvir os tiros de artilharia, que a tropa brasileira estava perdida. Esse fato foi motivo de pedidos de punições disciplinares ao Coronel Bento Manuel e seus subordinados, tendo em vista a grande falta que essa tropa causou para a batalha, a qual poderia ter sido diferente se pudesse contar com esses desertores.

4 CONSEQUÊNCIAS

De acordo com todos os aspectos levantados, houve inúmeras consequências para ambos exércitos, que de maneira geral foram consideravelmente vantajosas para o lado oriental. Quando findou a batalha, estavam os exércitos em extremo desgaste e sem suprimentos necessários para uma próxima investida, principalmente os castelhanos, que resolveram por não prosseguir para o interior do Rio Grande do Sul, sendo a batalha do dia 20 de fevereiro o principal e último combate terrestre de grande vulto da guerra da Cisplatina.

Para analisar as consequências, é possível separar em três pontos principais: político, econômico e territorial. O primeiro é de grande relevância para os acontecimentos futuros em que o Brasil viveu, que foi a queda do império em 1831. D. Pedro I sofria com várias revoltas regionais quando eclodiu os conflitos externos na região do Prata, portanto já estava o mesmo com sua imagem abalada. Com a chegada das notícias da batalha do dia 20, sua impopularidade cresceu ainda mais, sendo o revés na Guerra da Cisplatina uma das causas de sua abdicação 4 anos mais tarde, a qual entrou para a lista de revoltas que o Imperador não conseguiu conter de forma coerente.

Com isso, D. Pedro I viu-se com várias frentes de combate, o que gerava pesados gastos militares. Quando Barbacena recebeu o comando do Exército do Sul, estava sua tropa sem receber há alguns meses, com escassez de suprimentos e seus cavalos sendo alimentados de maneira insuficiente. Imediatamente pediu para a corte “15 mil homens, um depósito de 4 mil, o armamento correspondente e 6 milhões de cruzados para as despesas durante um ano”, conforme relato do livro do General Tasso Fragoso. Esse foi um dos diversos gastos que o Estado teve nos 4 anos de guerra, o que acentuou a dívida monetária, aumentou os impostos cobrados da população, criando insatisfação de uma população que desde o início era contrária do conflito.

A Bacia do Prata até hoje representa relevante fator econômico na América do Sul, o que aumenta a importância da Cisplatina. A perda pelo Brasil dessa região, portanto, foi uma consequência que afetou o reinado do Imperador. Uma vitória das tropas imperiais naquele 20 de fevereiro significaria que o Brasil estaria vencendo o confronto e, possivelmente, aquela região seria território brasileiro nos dias atuais.

5 CONCLUSÃO

Esse trabalho teve como propósito realizar uma análise dos conflitos externos da Bacia do Prata, ocorridos ainda no Brasil Império. Desse modo, o tema foi delimitado acerca dos fatores militares envolvidos na Batalha do Passo do Rosário, e suas consequências para a guerra.

O Brasil e os povos orientais viviam momentos diferentes, pois aquele estava em uma fase conturbada de inúmeras revoltas em diversas regiões do território, sofrendo pelo grande descontentamento da população pela forma autoritária que Dom Pedro I conduziu o país naquela época. Já na região cisplatina, os caudilhos orientais possuíam costumes, língua e tradições próprias, sendo aquela uma porção do continente sul-americano que possuía razões suficientes para ser independente, fato este que fomentou a chama revolucionária dos uruguaios e argentinos, a fim de criar uma nação para ser chamada de pátria, sem nenhuma subordinação. Além disso, a região que hoje encontra-se o estado do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina ainda não possuía grandes povoados ou concentração de população suficiente para delimitar as fronteiras do país, o que somente foi levado em conta próximos aos conflitos com os povos de origem espanhola.

O Objetivo principal do trabalho foi realizar um estudo acerca da batalha do Passo do Rosário, essa considerada o confronto mais relevante daquela guerra, a fim de levantar informações sobre as vantagens e desvantagens que cada lado possuía, assim como trazer as consequências que o embate trouxe para o decorrer da guerra e para o futuro do Brasil e também dos futuros países do extremo sul do continente. A partir destas análises, é possível concluir que o Brasil pôde colher vários ensinamentos com esse combate, como, por exemplo, dispor de mais meios de guerra disponíveis, tropa capacitada e instruída para o combate, escolha de um comandante que seja competente para tratar de assuntos externos de forma

efetiva e coerente, preparação de seu Exército previamente e também a necessidade de estar sempre pronto para acontecimentos dessa natureza, em qualquer local do território.

As hipóteses levantadas no trabalho, citadas no Referencial Metodológico, foram que a falta de meios de emprego proporcionou uma inferioridade no campo de batalha pelo lado brasileiro e que o insucesso brasileiro permitiu que pensamentos fossem evoluídos, e que as autoridades passassem a dar mais importância para a segurança das fronteiras no sul do País. Em virtude disso, é possível afirmar que, se o Brasil possuísse cavalos que realmente fossem de guerra, preparados para suportar um combate de mais de 11 horas, como foi a Batalha do dia 20, e se as peças de artilharia fossem em um número maior e melhor empregadas, talvez o resultado do confronto pudesse ter sido diferente, levando a desvantagem para o lado inimigo. Além disso, a segurança das fronteiras do país, principalmente a que se refere esse trabalho, não possuía segurança suficiente para um possível ataque inimigo, como foi citado inúmeras vezes acima, o que demonstra um certo descaso e má administração do controle do território brasileiro por Dom Pedro I. Esse fato foi levado mais a sério após os acontecimentos na Guerra da Cisplatina, reflexo que pode ser observado até os dias atuais, pois a região sul do Brasil possui o maior número de organizações militares das Forças Armadas, devido a preocupação antiga de invasões inimigas a essa porção do continente.

Conclui-se assim, que a Batalha do Passo do Rosário é um acontecimento de vasto campo de estudo, possuindo ensinamentos que até hoje podem ser usados como objeto de estudo, tanto como ponto negativo como positivo, como, por exemplo a forma como Barbacena, em apenas 50 dias, organizou um Exército para ir em direção ao inimigo, ou então o fratricídio cometido no campo de batalha, que acabou por vitimar Marechal De Abreu, fato este que ainda hoje é utilizado como exemplo negativo quando é estudado sobre o assunto. Esses e outros detalhes acima descritos são de suma importância como objeto de estudo, não somente como forma de enriquecer a bagagem histórica do indivíduo, mas também para ser utilizado como exemplo de como fazer e como não fazer as diversas missões de combate que surgem no cenário militar.

REFERÊNCIAS

- WIEDERSPAHN, Henrique Oscar. **A campanha de ituzaingó**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961
- FRAGOSO, Tasso. **A Batalha do Passo do Rosário**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1951, 2ª ed.
- BENTO, Cláudio Moreira. **2002:175 anos da Batalha o Passo do Rosário**. Rio de Janeiro: Academia de história militar terrestre do Brasil.2003
- AGUIAR, Antônio Augusto de. **A Vida do Marquês de Barbacena**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1896
- MAGALHÃES, João Baptista. **Osório: símbolo de um povo, síntese de uma época**. Rio de Janeiro: Agir, 1946.
- GONÇALVES, Roberta Teixeira. **General Alvear: a construção da vitória de Ituzaingó**. Rio de Janeiro. ANPHLAC, 2014
- ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS. Cadeira de História Militar. **História Militar do Brasil**. Resende:Acadêmica, 1979
- EJERCITO DEL URUGUAY. **Historia de Ejercito Del Uruguai**. Montevideu, 1999
- ALVEAR, Carlos Maria. **Exposición que hace el General Alvear, para Contestar el Mensage de el Gobierno de 14 Set 1827**. Buenos Aires: Imprensa Argentina, 1827
- CARNEIRO, David. **História da Guerra Cisplatina**. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1940